



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS - IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ANTÔNIO RAFAEL DE QUEIROZ LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DOS LAÇOS DE DEPENDÊNCIA NA PERSONAGEM
RAIMUNDO NA OBRA *IAIÁ GARCIA***

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2016**

ANTÔNIO RAFAEL DE QUEIROZ LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DOS LAÇOS DE DEPENDÊNCIA NA PERSONAGEM
RAIMUNDO NA OBRA *IAIÁ GARCIA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras.

Área de concentração: Análise do discurso literário.

Orientador: Prof^ª. Dra. Andréa Morais Costa Buhler

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732r Lima, Antônio Rafael de Queiroz.
A representação dos laços de dependência na personagem Raimundo na obra Iaiá Garcia [manuscrito] / Antônio Rafael de Queiroz Lima. - 2016.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Andréa Morais Costa Buhler, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Iaiá Garcia. 2. Raimundo. 3. Dependência. I. Título.
21. ed. CDD 320.56

ANTÔNIO RAFAEL DE QUEIROZ LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DOS LAÇOS DE DEPENDÊNCIA NA PERSONAGEM
RAIMUNDO NA OBRA *IAIÁ GARCIA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras.

Área de concentração: Análise do discurso literário.

Aprovada em: 17/05/2016.

BANCA EXAMINADORA

Andréa de Moraes Costa

Prof^a. Dra. Andréa de Moraes Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Auríbio Farias Conceição

Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Josinaldo Trajano da Costa

Prof. Me. Josinaldo Trajano da Costa
SEEC – RN/ PIBID - UERN

À minha mãe, pelos seus esforços, pela sua proteção e amor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelas bênçãos alcançadas.

A minha mãe pelos esforços em prol de minha formação e por estar ao meu lado, dando-me força.

As minhas irmãs, alunas desta instituição, pelo apoio e companheirismo familiar.

À professora Andréa Morais Costa Buhler pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB, que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates, para a minha formação acadêmica

Aos funcionários da UEPB, em especial, ao secretário do curso de Letras, Irmão Neto, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“Era um preto de cinquenta anos, estatura mediana, forte, apesar de seus largos dias, um tipo de africano, submisso e dedicado. Era escravo e livre.” (ASSIS, 1996, p.14)

A REPRESENTAÇÃO DOS LAÇOS DE DEPENDÊNCIA NA PERSONAGEM RAIMUNDO NA OBRA *IAIÁ GARCIA*

Antônio Rafael de Queiroz Lima*

RESUMO

Esse breve estudo aborda o tema da negritude da personagem Raimundo, identificada no romance *Iaiá Garcia* de Machado de Assis, a partir de uma análise interpretativa do tipo crítico social. O trabalho realiza um percurso investigativo em torno do sujeito negro no romance de Machado de Assis, considerando as relações sociais, precisamente, a categoria de dependência no Brasil no século XIX. Para isso, o estudo toma como postulado crítico as considerações de Antonio Candido, em seu livro *Literatura e sociedade*, bem como as de Roberto Schwarz, centrando-se no ensaio “As ideias fora do lugar”, do livro *Ao vencedor as batatas*. Por meio dessas considerações teóricas, o artigo busca iluminar o texto machadiano apontando para a incompatibilidade estrutural e política do Brasil do século XIX, no qual as ideias liberais e conservadoras, marcadas por ambiguidades, delineiam o confronto das relações de dependência do negro Raimundo com a família Garcia. Para isso, o nosso percurso parte de algumas considerações gerais sobre Machado de Assis, passando pela filiação do autor à vertente realista, e, por fim, se detém em incursões históricas que elucidam as passagens relativas à categoria de dependência da personagem Raimundo.

Palavras-chave: Iaiá Garcia. Raimundo. Dependência.

1 INTRODUÇÃO

A produção traz um breve estudo crítico em torno do tema da negritude representado na obra *Iaiá Garcia*, de autoria do escritor Machado de Assis, evidenciando os fatores sociais que a literatura assimila.

Especificamente, o estudo se fará a partir da personagem do negro Raimundo, considerando os aspectos culturais, sociais e a constituição de sua identidade dentro do sistema escravocrata brasileiro representado na obra.

Para fins de explicitação do método literário aqui adotado, este estudo toma como postulado crítico as considerações de Candido (2010), em seu livro *Literatura e sociedade*, especificamente o tópico “crítica e sociologia”, cuja base teórica traz o entendimento de que obra literária e aspectos sociais se articulam dialeticamente. Ou seja, ao contrário do mero sociologismo que identifica os elementos externos (fatores sociais) na obra, a crítica perseguida por Candido (2010) entende que na composição da obra, sem descurar os aspectos formais aí implicados, os fatores sociais se tornam internos à fatura da obra. Ora, quando se

* Aluno de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.
Email: rafael-lima.16@hotmail.com

pensa em um autor realista como Machado de Assis, atento à problemática social de seu tempo, compreendemos que a abordagem da crítica social à literatura adotada é pertinente e fecunda.

Em *Iaiá Garcia*, esses fatores sociais que se tornam internos à fatura são vistos na trama marcada por três elementos entretecidos: a família, o amor e o casamento. A trama é desenvolvida em meio aos triângulos que se formam, marcados pelos interesses individuais e pelos condicionamentos sociais.

Machado de Assis desmascara os conceitos morais e normas sociais ao retratar os triângulos, que se enlaçam durante o romance, mostrando o interesse econômico que fazia parte dos casamentos arranjados.

É durante essas constituições que o narrador irônico de *Iaiá Garcia*, ao mesmo tempo em que tece a matéria da obra, enfocando os anseios dos personagens voltados a ascensão social por meio do casamento, retrata a família carioca do século XIX, cujas ações e modos refletem os arranjos sociais que combinam traços aristocráticos e burgueses.

Dentro desse cenário ocorrem as breves aparições da personagem negro Raimundo, “um preto de cinquenta anos, estatura mediana, forte, apesar de seus largos dias, um tipo de africano, submisso e dedicado” (ASSIS, 1996, p. 14), que aparece ligado à intimidade da família Garcia, a qual presta os seus serviços, mesmo após a conquista de sua libertação, evidenciando a condição de dependência e do favor.

O nosso estudo pretende compreender a representação do negro Raimundo dentro da dinâmica familiar do século XIX, cuja base histórica escravocrata da época, estabelecia essa relação de dependência, em consonância com as relações sociais vigentes. Assim, ressaltamos as breves passagens em que o negro Raimundo aparece configurando os laços de dependência.

Delimitados os pontos a serem explorados, o estudo, para melhor situar a obra realista do escritor, fará um percurso que vai desde a Revolução Francesa, e suas influências no Realismo na França, até chegar ao Realismo no Brasil. O percurso é relevante para evidenciar as aproximações e empréstimos por parte do Realismo no Brasil.

Seguindo a linha de análise e interpretação da obra de Machado de Assis, recorreremos a um de seus maiores críticos, Roberto Schwarz (2000a). Principalmente, estaremos baseados no ensaio “ideias fora do lugar”, do livro *Ao vencedor as batatas*, no qual o autor desenvolve uma análise dos aspectos revolucionários dos valores modernos da Revolução Francesa na Europa no âmbito do contexto histórico brasileiro, assinalando as inadequações dessas ideias.

Justamente, essas inadequações e contradições comparecem por toda a obra de Machado de Assis, a exemplo de elementos e valores decorrentes da combinação esdrúxula do capitalismo e do sistema escravocrata. Essas ideias são fundamentais para entendermos a dinâmica da obra *Iaiá Garcia* e a personagem do negro Raimundo.

Machado de Assis, um escritor realista da sociedade do século XIX, adota, para melhor fazer valer a crítica da realidade, a especificidade da ironia, recurso por excelência de desmascaramento social. A ironia é utilizada para expor as contradições sociais de um país que aspirava aos valores da modernidade, mas que estava travancado por uma estrutura político-social conservadora e oligárquica. Para compreendermos melhor a obra de Machado de Assis e nos acercarmos especificamente do nosso recorte, tratemos agora de abordar os traços dominantes do Realismo.

2 DO REALISMO FRANCES À VISÃO REALISTA DE MACHADO DE ASSIS

Este tópico aborda a relação entre os valores projetados pela Revolução Francesa e o surgimento do Realismo. A Revolução Francesa que ocorreu de 1789 a 1799 foi, segundo Mota (1991), um dos momentos mais críticos da história da humanidade, quando no final do século XVIII, período conhecido como século das Luzes e da Razão, as massas populares tomaram o poder na França.

De acordo com Mota (1991), dentre outros motivos, a eclosão da Revolução deveu-se a uma série de fatores, como por exemplo: miséria, fome, desemprego, carestia e aumento populacional, levando a insatisfação aos camponeses e a boa parte da burguesia.

Com o fim da Revolução, a França viveu novos dias e os ideais se refletiram nas formas de expressão e pensamento dos franceses, que até então resistiam às imposições e determinações do poder absolutista de Luís XVI, último rei da França, fiel representante da velha ordem.

As pessoas começam a voltar-se para o social, para o pensamento coletivo. Considere-se que este fato aparece como reflexo dos ideais defendidos na revolução: liberdade, igualdade e fraternidade. Neste período havia uma luta contra a velha ordem e um ideal humanista que se assentaria sob a utopia do socialismo democrático, cuja raiz terá a influência decisiva de Karl Marx.

Esta forte influência decorre, principalmente, do Manifesto Comunista em que Marx analisa a sedimentação da classe burguesa. Neste livro, Marx conta com a co-autoria do também cientista social, Frederick Engels. Ambos trazem um estudo que esclarece à

sociedade, e, posteriormente ao mundo, sobre as divergências e contradições inerentes a relação capital e trabalho, fazendo uma análise rigorosa das várias facetas do capitalismo.

Historicamente conhecida, a obra de Marx e Engels foi publicada em 1848, causando grandes conturbações no setor trabalhista e industrial, geradas pela clareza com a qual expunham as injustiças e desordens provocadas pelo capitalismo e pela desestruturada massa trabalhista, que até então existia em condições servis de deliberada precariedade.

As sementes lançadas pela Revolução não demoraram a gerar seus frutos, principalmente depois das contribuições de K. Marx na abordagem da realidade. Justamente, conceitos como luta de classes, exploração, alienação, ideologia, vão gestando uma nova visão sobre o mundo, a exemplo da vertente estética Realista. Para Moisés (2001) o ano chave do movimento realista foi o de 1857, cinquenta anos pós-revolução, quando apareceram as obras francesas: *As Flores do Mal*, de Baudelaire, e *Madame Bovary*, de Flaubert.

De acordo com Moisés (2001), através dessas obras presenciamos o ápice das ideias realistas, marcando não só a mudança na forma de pensar a realidade, mas também a vitória dos novos ideais sobre o Romantismo na França, que posteriormente viria a nortear diversas produções artísticas, como é o caso da literatura. Também a partir dessas novas ideias surgiria a crítica da estética marxista, cujos expoentes seriam Lukács e Adorno.

Todo este movimento social, ocorrido inicialmente na França, expandiu-se e impregnou o mundo. Chegam ao Brasil, advindas da Revolução Francesa, as ideias liberais, a livre concorrência, a igualdade, menos intervenção do estado. No entanto, essas ideias dentro de uma realidade escravocrata se tornam inadequadas.

No que diz respeito à importação dessas ideias oriundas do contexto europeu, Schwarz (2000a, p. 30) destaca:

Partimos da observação comum, quase uma sensação, de que no Brasil as ideias estavam fora de centro, em relação ao seu uso europeu. E apresentamos uma explicação histórica para esse deslocamento, que envolvia as relações de produção e parasitismo no país, a nossa dependência econômica e seu par, a hegemonia intelectual da Europa, revolucionada pelo Capital.

A reflexão é que os ideais promulgados na Europa, especificamente na França, eram indispensáveis para qualquer país da época, mesmo aqueles em situações econômicas tão diferentes, como é o caso do Brasil. No entanto, os laços de dependência, nascidos de um país escravocrata e patrimonialístico, tornariam essas ideias fora do lugar.

Em outras palavras, as considerações de Schwarz referem-se ao fato de que as ideias francesas seriam inviáveis aqui no ambiente brasileiro. Claro, se levar em conta os fatores sociais, o forte centralismo político e também o conservadorismo, impedindo, dessa forma, de serem absorvidas no contexto brasileiro, diferentemente de como isso se fez em países como a Alemanha e a Inglaterra.

A máquina econômica brasileira no período colonial e imperial baseava-se no trabalho escravo, visto que a mão-de-obra negra garantia o lucro dos senhores de engenho, sem que demiasse maiores gastos. A regra era trabalhar o maior período de tempo possível para que os ganhos fossem cada vez maiores, como nos apresenta o crítico:

Como é sabido, éramos um país agrário e independente, dividido em latifúndios, cuja produção dependia do trabalho escravo por um lado, e por outro do mercado externo. Mais ou menos diretamente, vêm daí as singularidades que expusemos. (SCHWARZ, 2000, p.13).

A marca da escravatura no Brasil constitui, fundamentalmente, a nossa formação. Conforme as considerações de Pacheco (1963) até 1848 o país vivera um período de revoluções, uma época de estabilidade social e prosperidade econômica. Já por volta de 1856 novas forças de expansão começam a fazer sentir-se querendo, de um lado, quebrar os grilhões do centralismo em que se via umas das causas do atraso nacional, de outro, promover a abolição da escravatura, de cuja necessidade se começava a ter consciência entre a nova curva de evolução que o país defrontava.

Segundo Bosi (1985), a fundação do partido Republicano operaria a fusão tática da inteligência nova com o arrojo de alguns políticos de São Paulo interessados na substituição do escravo pelo trabalho livre. As ideias respondiam aos fatos: na década de 70, entram no país quase duzentos mil imigrantes, na década de 80, quase meio milhão.

Somente a partir do século XVIII, com o advento das ideias Iluministas, é que a escravidão passará, pelo menos na Europa, a ser questionada, fato que não ocorrerá no Brasil:

Enquanto na Europa a revolução burguesa produzia seus frutos, no Brasil, os colonos que se sentiam cada vez mais reprimidos pela política metropolitana acolhiam com entusiasmo as novas ideias revolucionárias. No bojo dessas ideias havia, entretanto, algumas contradições fundamentais. Como conciliar o direito de propriedade que os senhores tinham sobre seus escravos com o direito que os escravos tinham (como homens) à sua própria liberdade? Como conciliar a sujeição do escravo com a igualdade jurídica, que, segundo a nova filosofia, era um direito inalienável do homem? (COSTA, 2008, p. 14-15).

No que se refere à política brasileira, podemos identificar práticas contraditórias em que os ideais revolucionários advindos da visão liberal tinham que conviver com uma estrutura fundiária escravocrata. Essa estrutura que vinca o país, mesmo após a abolição, abrindo enormes chagas sociais, aparece muitas vezes tematizada ou aludida nas obras de Machado de Assis, a exemplo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e do conto *Pai contra mãe*.

Por um lado havia a necessidade de acompanhar as mudanças, que apesar de partirem da Europa, eram mudanças, a rigor, mundiais e que serviriam de inspirações para os países em desenvolvimento. Por outro lado, não se podiam abandonar as práticas que vinham em vigência desde a colônia, por esse motivo, considerada ultrapassadas quando confrontadas com as revoluções e as mudanças mundiais.

Em suma, essas constatações reafirmam as considerações anteriores baseadas na sentença de Schwarz (2000a): “As ideias fora do lugar”. Justamente, essa inadequação, esse mal estar assinalado pelo crítico passam a ser matéria ficcional tecida na obra de Machado de Assis.

Como já exposto, as preocupações do movimento romântico não interessavam mais. O cenário do mundo se aburguesava, passando por rápidas mudanças. Assim os intelectuais-artistas buscavam novas visões e novas técnicas capazes de responder a estas mudanças. Priorizava, assim, a compreensão da realidade pelo ponto de vista da sociedade e de suas lutas contraditórias.

Assim, como Balzac e Flaubert na França, no Brasil, Machado de Assis irá representar, por excelência, este viés realista. Em nosso caso interessa especificamente o problema da negritude e suas contradições em um sistema social marcadamente desigual e excludente.

Ao contrário da visão um pouco idealista de Gilberto Freyre em sua obra *Casa-grande & Senzala* versando - apesar das considerações pertinentes da condição do negro no sistema colonial - sobre a democracia racial brasileira, temos, ainda nas narrativas de Machado de Assis, situações cinicamente dramáticas versando sobre o aviltamento do negro, a exemplo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

Prudêncio um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas ao lado, e ele obedecia, - algumas vezes gemendo, - mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – “ai, nhonhô!” – ao que eu retorquia: -“Cala a boca, besta!”. (ASSIS, 1997, p. 32).

Essa passagem antológica do protagonista Brás Cubas se apresenta situação na qual vemos a desonra com o negro. A desonra é refletida através do negro Prudêncio, convertido em cavalo para agradar Brás Cubas em suas brincadeiras. Ainda na produção de Machado de Assis, encontramos outros textos em que emerge a temática da escravidão, como é caso do conto *Pai contra mãe*.

É nesse conto em que encontramos Arminda, uma mulata grávida, que havia fugido de seu dono e é capturada por Cândido Neves, um homem que necessitava de estabilidade econômica para manter a família e, por esse motivo, adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos.

Na continuação do conto, sinalizamos a humilhação vivida pela negra Arminda que, “gemendo, arrastava-se a si e ao filho”, “alegando que o senhor era mau, e provavelmente a castigaria com açoites” (ASSIS, 2007, p. 474), mas Cândido não se sensibiliza com a condição de sofrimento da escrava e reprime suas ações questionando: “Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois?”. Cândido passava por muitos problemas financeiros e seu filho, que estava para nascer, seria deixado em orfanato, pois Cândido não tinha recursos para criá-lo. Então, ironicamente, Cândido encontra Arminda e ver, na captura dela, a única forma de conseguir o dinheiro e ficar com o filho.

A expressividade com a qual Machado apresentava esses personagens negros devia-se a utilização de novos critérios de representação da realidade, que agora era observada sob o aspecto o social, evidente na vertente realista do autor.

Assim, *Iaiá Garcia*, romance publicado em 1878, traz consigo as marcas literárias da vertente romântica: a beleza das paixões, a fineza das casas. Além dos traços românticos presentes, que constituem o próprio período histórico vigente, *Iaiá Garcia* possui traços realistas, sendo estes últimos de maior interesse ao nosso estudo.

Em relação a outros escritores de sua época, Machado de Assis não demorou a priorizar as formas realistas em suas produções. Se na França o Realismo expande-se através das artes a partir de 1857, no Brasil com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em 1881, Machado expõe com excelência um novo arcabouço formal de expressão que viria paginar todas as suas produções.

Machado de Assis encerra a produção romântica com a publicação de *Iaiá Garcia* em 1878, passando a escrever utilizando-se de critérios realistas. Ainda que, para esses críticos, esta obra se insira no Romantismo, entendemos que o livro *Iaiá Garcia* já apresenta índices realistas os quais pretendemos identificar, principalmente, na construção da personagem Raimundo.

É interessante ressaltar que Raimundo faz breves aparições nos três primeiros capítulos, o que sugere a sua invisibilidade na dinâmica do sistema social representado. Raimundo sempre aparece de forma servil como identificaremos em algumas passagens.

3 A LITERATURA COMO LEITURA REALISTA DE UM MOMENTO HISTÓRICO

A literatura, não só em Machado de Assis, mas também em outros escritores realistas, é marcada fortemente pela presença do elemento social. De acordo com Candido (2010), precisamos considerar os fatores *externos* e *internos* para entendermos a integridade da obra literária, importando conhecer que fatores atuam na organização interna, de maneira a construir a estrutura da obra. E quando tratamos do fator social, cabe-nos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, ideias); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que existe de essencial na obra.

No caso da obra em estudo, podemos identificar, seguindo o pensamento de Schwarz, como princípio organizador interno o conflito das relações de dependência e liberdade dentro de um sistema social que torna esses termos ambíguos. Na verdade, trata-se de uma mirada bem particular do crítico sobre uma representação peculiar de um momento histórico que o livro tematiza.

A despeito de uma crítica que adotava o critério de uma universalidade erudita, Schwarz (2000b, p. 9), no obra *Um mestre na periferia do capitalismo*, revela como a obra de Machado de Assis em geral está imbuída de uma crítica histórica particular:

Ao transpor para o estilo as relações sociais que observava, ou seja, ao interiorizar o país e o tempo, Machado compunha uma expressão da sociedade real, sociedade horrendamente dividida, em situação muito particular, em parte inconfessável, nos antípodas da pátria romântica. “O homem do seu tempo e do seu país” deixava de ser um ideal e fazia figura de problema.

Machado de Assis, abandonando a visão romântica da tradição precedente, inaugura uma visão em que o ideal do Romantismo já não servia para ler as particularidades contraditórias do país.

Schwarz, em sua crítica, reconhece e identifica a visão realista de Machado. E ainda que identifique um tema social mais tímido em *Iaiá Garcia*, em função de traços mais romanceados, o nosso estudo, orientado pelas pistas de Schwarz, investiga o aprofundamento do tema social. E nesse ponto, Schwarz (2000a, p. 155) afirma que o Realismo em *Iaiá*

Garcia é limitado. Mas ainda assim, defende que “a incorporação ocasional e por assim dizer fluente de algum grande episódio da história da pátria à trama da ficção, oportunidade em que a forma literária presume abertamente a forma da realidade.”

Como diz Schwarz (2000b, p. 140), se os primeiros livros de Machado de Assis eram marcados por uma ideologia romântico-liberal, em *Iaiá Garcia* a visão realista se apura e os velhos laços do sistema clientelista se ampliam:

O período culmina em *Iaiá Garcia*. Aqui o sistema do liberalclientelismo está exposto com amplitude, expresso na sua terminologia própria, sustentado por uma galeria de personagens pertinentes e diferenciadas, organizado pelos conflitos práticos e morais que lhe são específicos, e ajudado, enfim, por uma dramaturgia inventada sob medida. O ajustamento à peculiaridade nacional resulta de um vasto trabalho de absorção da empiria, e, não menos importante, do deslocamento e cancelamento dos esquemas românticos, folhetinescos ou liberais, percebidos como ilusão. Nesta altura, a quantidade das observações sociais e psicológicas, das reflexões críticas e das soluções formais encontradas já representa uma acumulação realista muito respeitável — neutralizada, apesar de tudo, pelo enquadramento conformista.

Ou seja, ainda em Schwarz (2000a, p. 158), temos a confirmação de que *Iaiá Garcia* “trouxe progresso à elaboração realista de nossa ordem social” ao evidenciar as relações de dependências, pois, de acordo com o crítico, a obra constrói uma escada e afirma que:

Começa na submissão total e inocente, vizinha da escravidão e da devoção religiosa, passa pela submissão objeto do oportunista, chega à submissão contrariada das pessoas que se prezam, e vai mesmo à ruptura do vínculo de dependência, através do trabalho assalariado.

Nessas condições de dependência há o criado Raimundo, apresentado na trama como escravo alforriado, mas, ainda assim, dependente. Importa-nos explicarmos essa constituição de dependência, que está mais ligada a fatores sociais e históricos, do que a própria vontade da personagem.

4 RAIMUNDO E O PROBLEMA DA NEGRITUDE

4.1 A alforria sob a perspectiva da libertação e da dependência

O narrador irônico de *Iaiá Garcia*, logo no momento inicial, quando descreve a primeira cena ficcional, aproveita o ensejo para descrever Luís Garcia. Em seguida, descreve

também o negro Raimundo, dedicando várias linhas a suas impressões sobre o preto, como vemos no trecho:

E se o homem amoldara as coisas a seu jeito, não admira que amoldasse também o homem. Raimundo parecia feito expressamente para servir Luís Garcia. Era um preto de cinqüenta anos, estatura mediana, forte, apesar de seus largos dias, um tipo de africano, submisso e dedicado. Era escravo e livre. Quando Luís Garcia o herdou de seu pai, - não avultou mais o espólio, - deu-lhe logo a carta de liberdade. (ASSIS, 1996, p. 14).

Já aqui, identificamos que Raimundo é um escravo obediente, servidor e dedicado às suas obrigações de servo. Percebemos que essas características devem-se ao fato de Luís Garcia ter moldado a figura do escravo, deixando a seu jeito, da forma que o agradava. Repare-se que a liberdade aqui não o emancipou das características de bom servidor, o que remete ao postulado crítico de Schwarz (2000a) ao se referir aos laços de dependência que não viriam com a liberdade.

Ainda na descrição, o narrador nos apresenta um tema que será objeto de análise adiante: a concessão da liberdade do escravo. Esse momento de entrega da alforria se constitui motivo de preocupação para Raimundo.

O personagem, assim como fala o narrador ao apresentá-lo, era escravo antigo da fazenda de Luís Garcia e sabia de suas responsabilidades para com a família, com a qual conviveu durante sua vida, reconhecia também este lugar como sendo o local de seus últimos dias de vida. No entanto, o negro Raimundo ao receber a liberdade de seu proprietário entende o ato como uma expulsão:

Raimundo nove anos mais velho que o senhor, carregava-o e amava-o como fora seu filho. Vendo-se livre, pareceu-lhe que era um modo de o expelir de casa, e sentiu um impulso atrevido e generoso. Fez um gesto para rasgar a carta de alforria, mas arrependeu-se a tempo. Luís Garcia viu só a generosidade, não o atrevimento; palpou o afeto do escravo, sentiu-lhe o coração todo. Entre um e outro houve uma pacto que para sempre os uniu. (ASSIS, 1996, p. 14).

Justamente, o sentimento de Raimundo expõe o medo do abandono e também o vínculo afetivo que o liga àquela família. Através dessas descrições é apresentado um laço afetivo (tema este que será tratado em outro tópico), demonstrando que existia uma união entre Senhor e escravo, diferente do comum, da realidade. Existia um laço familiar evidenciado através do pensamento do negro: “carregava-o como fora seu filho”. O narrador

ainda nos apresenta que um pacto os uniu para sempre. Esse pacto pode ser visto pelas relações de lealdade que serão sinalizadas adiante.

Vejamos esse trecho ainda sobre a liberdade de Raimundo:

- És livre, disse Luís Garcia; viverás comigo até quando quiseres. Raimundo foi dali em diante um como espírito externo de seu senhor; pensava e refletia-lhe o pensamento interior, em todas as suas ações, não menos silenciosas do que pontuais. (ASSIS, 1996, p. 14).

Raimundo torna-se um ser externo ao seu Senhor, o que pressupõe uma crise de identidade de existência já que sua existência se completava na do Senhor. As palavras de Luís Garcia deixavam transparecer que Raimundo possuía a sua liberdade, mas em seguida o narrador apresenta a verdadeira sensação do escravo.

O fato de “pensar e refletir” o pensamento de seu senhor e suas ações serem “silenciosas e pontuais” evidenciam que a partir desse momento o ex-escravo expressa o pensamento de dependência por ter recebido a “liberdade”. Raimundo deveria, a partir de agora, pensar sobre si e agir sobre si, mas acontece o inverso. Ao receber a alforria aflora, paradoxalmente, o sentimento de lealdade/dependência a Luís Garcia. Luís Garcia oferecendo a carta de alforria a Raimundo estaria não só o libertando de sua posse, pois para o escravo a libertação era um modo de mostrar que os seus serviços não eram mais necessários.

Bosi (1992, p. 24) salienta a condição do negro livre:

A alternativa para o escravo não era, em princípio, a passagem para um regime assalariado, mas a fuga para os quilombos. Lei, trabalho e opressão são correlatos sob o escravismo colonial. Nos casos de alforria, que se tornam menos raros a partir do apogeu das minas, a alternativa para o escravo passou a ser ou a mera vida de subsistência como posseiro em sítios marginais, ou a condição subalterna de agregado que subsistiu ainda depois da abolição do cativo. De qualquer modo, ser negro livre era sempre sinônimo de dependência.

A afirmação de Bosi é esclarecedora porque revela exatamente a postura da personagem quando recebe a alforria. Assim, o narrador encaminha o pensamento de Raimundo: “vendo-se livre, pareceu-lhe que era um modo de o expelir da casa, e sentiu um impulso atrevido e generoso” (ASSIS, 1996, p. 14). Essa atitude de alforriar vista nas ações de Luís Garcia no ambiente ficcional, e também de diversos senhores de escravos no ambiente real brasileiro, refletiam uma situação explicável, como esclarece Chalhoub (2003, p. 51):

A ideia era convencer os escravos de que suas chances de alforria passavam necessariamente pela obediência e fidelidade em relação aos proprietários. Além disso, conforme o exemplo notável do africano Raimundo em *Iaiá Garcia*, a concentração do poder de alforriar exclusivamente nas mãos dos senhores fazia parte de uma ampla estratégia de produção de dependentes, de transformação de ex-escravos em negros libertos ainda fiéis e submissos a seus antigos proprietários.

Com efeito, iluminando o texto literário a partir dessas considerações, vê-se também que a função da alforria concedida por Luís Garcia desempenha esta prática de favor e dependência. Tanto é assim que Raimundo, não tendo para onde ir, mantém-se leal ao Senhor e à casa.

Ao lado disso, a perspectiva de libertação dos escravos faz pensar nos problemas do trabalho livre, quando Luís Garcia, vale recordar, entregou a alforria a Raimundo, e este “fez um gesto para rasgar a carta de alforria, mas arrependeu-se a tempo” (ASSIS, 1996, p. 14). O negro dedicado por anos à família Garcia, parece não saber o que fazer com aquela liberdade. Na verdade, esse misto de afeto e lealdade combinado ao problema do trabalho livre revela toda a profundidade dos laços de dependência.

Schwarz (2000a, p. 14), problematizando a importação das ideias liberais para o contexto escravocrata brasileiro, evidencia a vantagem da concessão da liberdade para o escravo:

Este conjunto ideológico iria chocar-se contra a escravidão e seus defensores, e o que é mais, viver com eles. No plano das convicções, a incompatibilidade é clara, e já vimos exemplos. Mas também no plano prático ela se fazia sentir. Sendo uma propriedade, um escravo pode ser vendido, mas não despedido. O trabalhador livre, nesse ponto, dá mais liberdade a seu patrão, além de imobilizar menos capital.

Agora, pode-se compreender a ação de Raimundo quando “fez um gesto para rasgar a alforria”. As colocações de Schwarz (2000a) revelam o sentido do pensamento da personagem: como seria a vida fora daquela casa? Como sobreviver distante da família Garcia? Esses questionamentos seriam reflexões que, a exemplo de Raimundo, fizeram muitos negros no Brasil ao receberem a sonhada “liberdade”. Tratar da libertação faz emergir a temática do trabalho livre, mas, em contrapartida, evidencia também as relações de favor e dependência.

Raimundo continuava prestando os seus serviços e obséquios a Luís Garcia, mas na condição de ex-escravo, ou seja, homem livre. Homem livre até certa medida, já que a condição externa, fora da dependência da casa de seu senhor, não lhe garantiria a

sobrevivência. Raimundo não teria, nesta conjuntura, condições necessárias para iniciar uma nova vida, com um novo perfil social.

4. 2 O traço ambíguo de afeto e dependência na relação senhor/escravo

Em linhas gerais, a temática da negritude tornou-se parte integrante dos enredos ficcionistas, tomando como referência a imensa contribuição cultural da raça negra no Brasil. Com essa constatação, reflete-se também sobre o longo período em que os negros estiveram subjugados ao sistema escravocrata.

Freyre (2003, p. 398) em sua obra *Casa-grande & Senzala*, salienta para o fato de que “a escravidão desenraizou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil”. Sabiamente, Freire analisa a escravidão sob um viés puramente desumano, cujas consequências são visíveis em constantes conflitos de comportamento, conduta e convivência.

Há no romance, um trecho em que o narrador expõe traços da cultura de Raimundo, cultura vinda da África e marcada na memória do negro. O trecho abaixo apresenta a cena que acontece no jardimete, envolvendo escravo e senhor em uma relação de afeto e intimidade:

- Raimundo hoje vai tocar, não é? Dizia às vezes o preto. - Quando quiseres, meu velho. Raimundo acendia as velas, ia buscar a marimba, caminhava para o jardim, onde se sentava a tocar e a cantarolar baixinho umas vozes da África, memórias desmaiadas da tribo em que nascera. O canto do preto não era de saudade; nenhuma de suas cantilenas vinha afinada na clave pesarosa. Alegres eram, guerreiras, entusiastas; por fim calava-se. O pensamento, em vez de volver ao berço africano, galgava a janela da sala em que Luís Garcia trabalhava e pousava sobre ele como um feitiço protetor. Quaisquer que fossem as diferenças civis e naturais entre os dois, as relações domésticas os tinham feito amigos. (ASSIS, 1996, p. 15).

Pela descrição, percebe-se nessa passagem a forte influência da cultura sobre a memória de Raimundo. Eram lembranças da tribo, mas o narrador destaca que não eram de saudades, justificando em seguida que a preocupação do negro era com a atual realidade na qual estava inserido.

Observando o laço afetivo indicado pelo narrador, no trecho acima, emergem sobre duas vertentes, sendo a primeira direcionada a uma visão de que os vários anos nos quais os escravos dedicavam a seus senhores desde sua infância, transformariam os laços rígidos de senhor/escravo em harmoniosa feição de cordialidade, afinamento, respeito e intimidade; por conseguinte a segunda vertente decorre de ponderações que intuem o pensamento ideológico

de Machado ao estabelecer essa relação afetiva, expondo com fineza a traços de crueldade tão impregnados a relação senhor/escravo, cujos causadores tentavam mascarar na pós-abolição.

Haja vista, que “as diferenças civis e naturais entre os dois” (ASSIS, 1996, p. 15) seriam evidenciadas, claro, pelas funções sociais que ambos assumiam. Senhor e escravo não se enlaçariam por meio de contatos de amizade sincera ou recolhimento íntimo, sem que existisse a discriminação, como evidencia Freyre (2003), afirmando ainda que no início do longo processo de escravidão, tentou-se ou ocorreu-se de o negro se tornar íntimo das famílias, mas logo se percebeu a discriminação. Portanto, na cena referida acima, essa intimidade teria se construído através das relações domésticas e o longo período em que os envolvidos estiveram em contato.

Vê-se que pela introdução de traços afetivos, Raimundo vai além de um agregado, ou simplesmente um ex-escravo, “Raimundo nove anos mais velho que o senhor, carregava-o e amava-o como fora seu filho” (ASSIS, 1996, p. 14). Para os críticos esse laço afetivo se reflete como irônico, pois o narrador, tencionando a relação senhor/escravo, antes já havia dito que o negro era do tipo “feito para servir”. Nessa ótica, o narrador tenta quebrar os tons ambíguos que sempre estiveram presentes na relação senhor/escravo. Dessa forma, também apresenta a intimidade na relação de Raimundo com Iaiá Garcia, filha do seu Senhor, cujo laço afetivo é realçado nas brincadeiras entre os dois.

Iaiá era educada em um colégio da cidade; aos sábados Raimundo ia buscá-la e a chegada da menina enchia a casa de alegria. Ao chegar “Luís Garcia pegava dela e sentava-a nos joelhos. Depois beijava-a” e passado alguns instantes “Iaiá ia ter com o preto” (ASSIS, 1996, p.15). Terminados os carinhos entre pai e filha, era a vez de Raimundo garantir a alegria e o divertimento. Vejamos um trecho:

- Raimundo, o que é que você me guardou?
- Guardei uma coisa, respondia ele sorrindo. Iaiá não é capaz de adivinhar o que é.
- É uma fruta.
- Não é.
- Um passarinho?
- Não adivinhou.
- Um doce?
- Que doce é?
- Não sei; dá cá o doce.

Raimundo negaceava ainda um pouco; mas afinal entregava a lembrança guardada. Era às vezes um confeito, outras uma fruta, um inseto esquisito, um molho de flores. Iaiá festejava a lembrança do escravo, dando saltos de alegria e de agradecimento. (ASSIS, 1996, p. 15-16)

Percebe-se que a ligação afetiva entre Raimundo e Iaiá era de amizade, afinal o narrador ainda destaca que “Raimundo olhava para ela, bebendo a felicidade que se lhe entornava dos olhos, como um jorro de água pura”. Raimundo reproduz, na relação com a menina, a mesma relação de cordialidade e respeito, que antes mencionamos. E sobre esta relação o narrador, na fala de Iaiá após as brincadeiras com o preto, vai além: “– Muito bom! Raimundo é amigo de Iaiá... Viva Raimundo!” (ASSIS, 1996, p. 16). A frase sugere, a partir desta amizade, uma afirmativa de identidade ao nomear-se em terceira pessoa: Raimundo.

Durante essas ocorrências, o narrador expõe com clareza o ar de felicidade que inebriava a casa com a presença da menina, e Luís Garcia “com os braços estendidos, as mãos da filha nas suas, considerava-se o mais venturoso dos homens; acendia-se de um reflexo de juventude” (ASSIS, 1996, p. 16). Ora, essas ocasiões não passam despercebidas diante de Raimundo, sendo ele parte daquela casa, “vivida da alegria dos dois” e, aos domingos, “tanto o senhor como o antigo escravo não ficavam menos colegiais que a menina.”

Com as passagens, confirma-se a satisfação de Raimundo em fazer parte desse ambiente. Note-se que a satisfação ou felicidade de Raimundo constrói-se após a confirmação de que Luís Garcia e sua filha estão alegres e felizes, comprovando a dependência que agora deixaria de ser apenas social.

Observe-se que Raimundo se comovia e se alegrava, dependessem as situações de Luís ou Iaiá. Para explicar esse fato, temos mais dois episódios importantes. O primeiro, referente à relação do preto com Iaiá Garcia, é visto quando, no desenrolar da trama, Raimundo vai buscar Iaiá, que vinha de um encontro com Jorge, seu futuro esposo:

Perto da noite, Raimundo veio buscá-la; Jorge acompanhou-a. Iaiá lembrou-se de traçar com um grampo, no musgo que reveste o aqueduto, o nome de Jorge e a data; instando com ele, Jorge escreveu também o nome dela. Raimundo sorria entre dentes. (ASSIS, 1996, p. 118)

No trecho acima, a alegria de Raimundo é evidente, ao perceber a felicidade que cobria a jovem nos encontros com seu confidente, namorado. O segundo episódio é visto na relação de Raimundo com Luís, precisamente com a morte do seu senhor, no qual o narrador descreve a tristeza que tomava Raimundo, tendo a certeza da morte de Luís, “correu ao jardim, onde ficou longo tempo sentado no chão, com a cabeça encanecida entre os joelhos, sacudido pela violência dos soluços”. (ASSIS, 1996, p. 127).

Comprova-se no romance que da alegria a tristeza, Raimundo dependia do seu senhor e filha. Raimundo não encontrava alegria, ou até mesmo tristeza em suas ações, e no

momento que algo possa transparecer, mais uma vez, a condição servil e dependente sobressai, como vemos no trecho:

O canto do preto não era de saudade; nenhuma de suas cantilenas vinha afinada na clave pesarosa. Alegres eram, guerreiras, entusiastas; por fim calava-se. O pensamento, em vez de volver ao berço africano, galgava a janela da sala em que Luís Garcia trabalhava (ASSIS, 1996, p. 15).

Como já fora dito, as preocupações de Raimundo era para com a família Garcia, o que explica sua atitude no trecho citado.

4.3 A representação do negro Raimundo e suas funções

Na tentativa de interpretação histórico-cultural da sociedade brasileira, é importante considerar a riqueza de valores e experiências adquiridas no contato com o negro africano. E quanto a esse ponto, Machado, retratando os conflitos familiares não deixa de apresentar esses contatos, como já fora mencionado anteriormente.

Freyre (2003, p. 419) destaca que “a figura da boa ama negra que, nos tempos patriarcais, criava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço”. E, além de Raimundo, há ainda em *Iaiá* outra figura negra, cujas características são similares as descritas por Gilberto Freyre, como se vê na passagem:

Maria das Dores, a ama que a havia criado, um pobre catarinense, para quem só havia duas devoções capazes de levar uma alma ao céu: Nossa Senhora e a filha de Luís Garcia; Ia ela de quando em quando à casa deste, nos dias em que era certo encontrar lá a menina, e ia de S. Cristovão, onde morava. Não descansou enquanto não alugou um casebre em Santa Teresa, para ficar mais perto da filha de criação. (ASSIS, 1996 p. 18).

Na figura de Maria das Dores, vemos os mesmos traços de dependência porque isso diz respeito a uma realidade histórica da condição de ser negro. No entanto, em relação à personagem Raimundo, esses traços ocupam pouco espaço no enredo, pois apesar de importante na criação da filha de Luís Garcia, Maria das Dores não convive com a família durante o período ficcional destacado na obra. Não obstante revela-nos que eram muitas as faces que assumiam os negros, permeando o ambiente nacional. Com grande intensidade a cultura africana influenciava e, dessa forma, construía uma nova com base nos contatos com o meio, como vemos abaixo nas considerações de Freyre (2003, p. 419):

O vulto do moleque companheiro de brinquedo. O do negro velho, contador de histórias. O da mucama. O da cozinheira. Toda uma série de contatos diversos importando em novas relações com o meio, com a vida, com o mundo. Importando em experiências que se realizavam através do escravo ou à sua sombra de guia, de cúmplice, de curandeiro ou de corruptor.

Segundo França (1998) os negros (homens e mulheres) eram presenças constantes no interior dos lares cariocas das páginas ficcionistas e desempenhavam diversos papéis, dentre eles: mucamas, moleques de recado, agregados da casa, amas-de-leite, damas de companhia etc.

Destacando a presença do personagem negro nos romances brasileiros, França (1998, p.72) afirma que “na esmagadora maioria das vezes sua presença em pouco se distingue de uma peculiar espécie de ornamento do cenário”, destaca ainda, que “apesar desses limites, podemos conhecer com uma razoável dose de detalhes dos perfis assumidos por ele na urbe edificada nos romances”.

Em *Iaiá Garcia*, o personagem negro Raimundo assume algumas dessas funções “posto fosse o único servidor da casa” (ASSIS, 1996, p. 14). Pelas breves apresentações do narrador podemos identificar as funções de servidor de mesas, quando o narrador relata que “ao chegar em casa, já o preto Raimundo lhe havia preparado a mesa”; anunciador de visitas: “Raimundo conheceu-o, apesar de queimado do sol. Abriu-lhe a porta; acompanhou-o alegremente ao fundo do jardim” (ASSIS, 1996, p. 64).

Na obra de Machado de Assis esses perfis não divergem, podemos identificá-los nas obras *Iaiá Garcia*, *Helena*, *Dom Casmurro*, dentre eles:

Os criados e criadas negros atendiam portas, acendiam charutos, arrumavam a casa, serviam as mesas, conduziam seges, anunciavam visitas, lavavam roupa, serviam como amas-de-leite, ajudavam as senhoras nas suas toaletes, faziam as vezes de damas de companhia e, em casos extremos chegavam até a fazer exhibições de dança em festas exóticas oferecidas a convidados estrangeiros (FRANÇA, 1998, p. 78).

Percebem-se como as atividades dos negros eram diversas e, sua presença no ambiente ficcional sempre varia dentre as várias faces assumem e, ainda assim de acordo com França (1998) os eles eram conhecidos da intimidade dos patrões, atentos aos menores gestos e as conversas mais reservadas. Em *Iaiá Garcia*, a personagem Raimundo não só ouvia essas conversas, mas também fazia parte delas, “sobrava-lhe tempo para conversar com o seu antigo senhor no jardinete, enquanto a noite vinha caindo” (ASSIS, 1996, p. 14).

Essas passagens da narrativa refletem a imagem de Raimundo, profundamente ligada aos sentimentos familiares e que sentia um grande carinho pelo seu antigo senhor. Essa percepção surge quando observamos que o narrador dedica linhas descrevendo os sentimentos do negro.

O narrador ao enfatizar durante o romance, a relação de intimidade, da qual compartilhavam o ex-escravo e o seu senhor, não poderia evitar que a tristeza, em forma dramática, da morte de Luiz Garcia afetasse também o antigo escravo.

As ações de Raimundo eram geradas pela função a ele delegada durante a vida na casa, mas agora passariam a existir pelo sentimento de dependência que o ex-escravo acharia de ter para com a família Garcia, demonstrando uma atitude de reconhecimento pelos muitos anos que vivera naquela casa.

Chegando as nossas últimas interpretações sobre a negritude representada pela personagem do negro Raimundo, tomemos como último aporte as considerações de Schwarz (2000a, p. 158):

Assim, Raimundo é um criado “dedicado e submisso”, escravo forro, que toca marimba e canta “vozes” africanas, cujo pensamento pousa em seu atual senhor e antigo proprietário “como um feitiço protetor”; não impede que seja pontual e impecável como um mordomo inglês.

As palavras de Schwarz ressaltam exatamente as contradições, com as quais viviam a sociedade brasileira do século XIX, no qual um negro constituía-se de dedicação e submissão ao mesmo tempo em que era alforriado e livre de qualquer posse. Ainda que obtivesse a liberdade, no século XIX, caberia ao escravo a iniciativa de arriscar-se a construir uma vida fora do ambiente marcado pela escravidão, cabendo-lhe as responsabilidades de sobrevivência: trabalho, moradia, alimento. Assim via-se Raimundo, dependente daqueles aos quais ele serviu a vida inteira. Sob a marca da dependência, a personagem de Machado de Assis reproduzia ficcionalmente as incompatíveis mudanças sociais que ocorriam no Brasil, no século XIX.

Com essas considerações, vemos que Machado de Assis retratou, com eficiência, a incompatibilidade dos ideais promulgados na Europa com o ambiente social e econômico brasileiro, pois aqui “as ideias estavam fora do lugar”, como afirma Schwarz (2000a).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho desenvolveu uma breve análise da obra *Iaiá Garcia*, abordando, especificamente, a personagem Raimundo e seu traço de negritude em um sistema social brasileiro marcado pela escravidão. Para a nossa análise, adotamos o método dialético de Candido ao destacar que a crítica literária deve articular dialeticamente texto e contexto. A partir desse entendimento, à luz de alguns aportes teóricos, como os de Schwarz e Gilberto Freyre, identificamos que um dos princípios organizadores da obra *Iaiá Garcia* repousa na relação ambígua de afeto e dependência entre patrão/escravo, constituindo os arranjos sociais de nossa formação histórica.

Para desenvolver esta análise, abordamos, inicialmente, a vertente realista do escritor Machado de Assis, situando-a dentro dos registros históricos do Realismo. No tópico, “A literatura como leitura realista de um momento histórico”, ressaltou-se a relevância dessa visão de mundo para as novas produções literárias.

Registramos, de modo geral, as tendências realistas do escritor à luz, principalmente de Schwarz, que identifica na obra de Machado algumas “ideias fora de lugar” que constituíram a nossa formação histórica. Dentro da engrenagem de nosso sistema estariam as contradições entre as ideias modernas europeias e a nossa herança colonial escravocrata. Dessa conjuntura esdrúxula, teríamos os laços de favor e dependência ostensivamente presentes nas relações sociais, como é o caso da relação Senhor/escravo, apresentada no tópico “Raimundo e o problema da negritude”.

Baseados nesta categoria, procedemos a análise identificando que esses laços estariam profundamente marcados por afetos e pela incapacidade de uma existência livre. Por fim, sinalizamos, a partir do método dialético literatura e sociedade, que não apenas a personagem Raimundo aparece conformada aos arranjos sociais que reforçam as relações de dependência. Exatamente porque a literatura comporta internamente os conflitos da história, a representação de todos os negros em *Iaiá Garcia* apresentam o problema de dependência herdada de nossa formação histórica. Pode-se mesmo arriscar, à luz das considerações do mais expressivo crítico da obra de Machado de Assis: Roberto Schwarz, que, também em *Iaiá Garcia*, o princípio fundamental que organiza toda a obra repousa no antagonismo das classes, nas quais a categoria da dependência das relações proprietário/escravo é a forma social que o romance internalizou.

A REPRESENTAÇÃO DOS LAÇOS DE DEPENDÊNCIA NA PERSONAGEM RAIMUNDO NA OBRA *IAIÁ GARCIA*

ABSTRACT

That brief study approaches the theme of the character's blackness Raimundo, identified in the romance *Iaiá Garcia* of Machado of Assis, starting from an interpretative analysis of the social critical type. The work accomplishes a course investigativo around the black subject in the romance of Machado of Assis, considering the social relationships, precisely, the dependence category in Brazil in the century XIX. For that, the study takes as critical postulate Antonio Cândido's considerations, in your book *Literature and society*, as well as the one of Roberto Schwarz, being centered out in the rehearsal "The ideas of the place", of the book *To the winner the potatoes*. Through those theoretical considerations, the article looks for to illuminate the text machadiano appearing for the structural and political incompatibility of Brazil of the century XIX, where the liberal and conservative ideas, marked by ambiguities, they delineate the confrontation of the relationships of dependence of the black Raimundo with the family Garcia. For that, our course leaves of some general considerations on Machado of Assis, going by the filiation of the author to the realistic slope, and, finally, he/she stops in historical incursions that elucidate the relative passages to the category of the character's dependence Raimundo.

Key-words: Iaiá Garcia. Slavery. Dependence.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*. 13^a ed. São Paulo. Editora Ática. 1996.

_____, 1839-1908. *Memórias póstumas de Brás Cubas*/ Machado de Assis; introdução e notas de Ivan Cavalcanti Proença – Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

_____. *50 contos*/Machado de Assis; seleção, introdução e notas John Gledson – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Alfredo, 1936 - *Dialética da colonização*/Alfredo Bosi. – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *História concisa da literatura brasileira*. 3^a ed. São Paulo: Cultura, 1985.

CANDIDO, Antonio, 1918 – *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 11^a ed., Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2010.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 32; 51; 162-3.

COSTA, Emília Viotti da. *A abolição*. 8 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 14-5.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Imagens do negro na literatura brasileira (1584-1890)*/Jean M. Carvalho França. São Paulo: Brasiliense, 1998.

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.

MOISÉS, Massaud. *Historia da literatura Brasileira/realismo e simbolismo*. São Paulo: Cultrix, v. 2, ed: 5, 2001.

MOTA, Carlos Guilherme. *Revolução Francesa*. São Paulo, Ed. Ática, 2ª ed. 1991.

PACHECO, João. *A literatura brasileira – Vol. III – O realismo*. São Paulo: Cultrix, 1963.

SCHWARZ, Roberto - 1938. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2000a.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis/Roberto Schwarz*. – São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000b.